

## **Lacan, o "relâmpago obscuro"<sup>1</sup>**

*Lucíola Freitas de Macedo*

Lacan constitui ao final dos anos 60<sup>2</sup> o dispositivo do passe deixando-o à disposição daqueles que se arriscam a testemunhar sobre a "verdade mentirosa"<sup>3</sup>. Como modalidade escolhida por Lacan, o testemunho advém, a partir de então, para que se transmita os momentos cruciais do percurso de uma análise após ela se haver concluído, justo no ponto em que o mais singular da experiência de uma análise se enlaça ao epistêmico e ao político. A noção de testemunho extrapola o âmbito estritamente privado da *práxis* psicanalítica para incidir sobre questões éticas de longo alcance, tal qual é possível observar na "Proposição de 9 de outubro de 1967".

Possíveis articulações entre testemunho, trauma e escrita proliferaram, desde o pós-guerra, sob a égide do que se convencionou chamar de literatura do testemunho, ou ainda, literaturas do indizível<sup>4</sup>. Nesse gênero narrativo e artístico, construído em torno da memória dos campos de concentração, o testemunho como "prática discursiva" se tornou "uma modalidade crucial de relação com os acontecimentos de nosso tempo"<sup>5</sup>, o que autoriza Shoshana Felman a nomear a contemporaneidade como uma "era do testemunho".

Longe de se tornar anacrônica face às novas tecnologias, ou de desvanecer frente à fragmentação dos saberes e à derrisão dos lugares do Outro, a "era do testemunho" se estende, se democratiza, se ramifica, tanto

quanto se trivializa através dos dispositivos da era digital, tais como os *orkuts* e *blogs*.

Ao retomar alguns dos textos institucionais de Lacan, especialmente as duas versões da "Proposição" e o "Discurso na Escola Freudiana de Paris", à luz do debate em curso veiculado através do *Journal des Jounées*, ocorrem-me algumas questões que pretendo, através deste artigo, começar a trabalhar: qual o estatuto do testemunho no ensino de Lacan? Poderia o testemunho, nesse ensino, ser elevado ao estatuto de conceito<sup>6</sup> da psicanálise? O fio que conduz as proposições de Lacan sobre o testemunho ao longo de seu ensino permanece o mesmo ou sofre variações? De que modo essas variações e mudanças de perspectiva incidiriam sobre sua própria invenção do dispositivo do passe, assim como sobre o testemunho como modo privilegiado de transmissão? Este escrito trilhará um caminho e na melhor das hipóteses abrirá uma pequena clareira, que se pretende menos uma resposta do que um exercício de reflexão.

Enric Berenguer problematiza registros do testemunho, mais além daquele que é produto do trabalho de transmissão dos AEs, incluindo em seu campo o caso clínico, a supervisão, a partir dos quais conclui que para Lacan não há ensino sem testemunho<sup>7</sup>. Nessa perspectiva, o que é designado por Lacan sob a rubrica do ensino e transmissão em psicanálise se relaciona fundamentalmente com a dimensão do testemunho.

São numerosos os usos feitos por Lacan desse significante tanto em seus *Seminários*<sup>8</sup>, quanto nos *Outros Escritos*<sup>9</sup> e há referências esparsas em *Escritos*<sup>10</sup>. Ocorre ainda, nas versões brasileiras, a tradução do termo testemunhar por atestar, demonstrar, verificar ou evidenciar. As questões de tradução são dignas de nota, pois o estatuto do testemunho, no ensino de Lacan, não parece monolítico, apresentando-se sob uma diversidade de

modalidades e perspectivas atravessadas por um fio: na posição de analisante, no ato de testemunhar o próprio inconsciente, no testemunho dos impasses na direção dos tratamentos na supervisão e dos limites do saber em circunscrever o real em jogo em cada caso e, inclusive, no ensino dos AEs. Para Lacan, o testemunho aponta, nas suas várias acepções, o limite do discurso e da formalização; ele é não-todo: onde o discurso não diz, testemunha<sup>11</sup>. O ensino de Lacan se caracteriza por buscar ativamente esse limite, e mesmo, construí-lo, pois sem isso, cairia no saber estabelecido.

Jacques-Alain Miller afirma, em *El establecimiento de "El Seminario" de Jacques Lacan*, que Lacan utilizou sua própria obscuridade, manejou-a, deu-lhe um valor heurístico. Trata-se de alguém para quem a originalidade, a contorção própria de seu pensamento foi durante muito tempo uma espécie de maldição. Como nomeia Miller, Lacan, "o relâmpago que se diz obscuro"<sup>12</sup>, serviu-se de sua obscuridade fazendo dela um paradigma.

Nesses divinos detalhes situam-se sutis diferenças e mesmo incongruências como entre uma autobiografia, que poderá apenas narrar, historicizar, sem testemunhar e uma confissão solapada, que acabará por explicitar aquilo que, no testemunho, poderá permanecer entre as linhas nas torções da invenção e do estilo, pois este último situa-se no plano da enunciação e da escritura. Lacan em seu último ensino, ao afirmar que "o inconsciente é alguma coisa no real", evoca a escritura como "apoio", porque nela se concentra seu esforço de interrogar acerca do inconsciente. Por sua vez, o uso desgastado dos termos via a *dizencia*<sup>13</sup> lacaniana costuma menos testemunhar que engessar o impossível em jogo.

## *I - O Seminário*

Não é raro que Lacan se refira ao longo de seus seminários, mais ou menos explicitamente, à obra de Freud como um testemunho. Ele o faz a propósito do comentário do sonho da injeção de Irma no *Seminário 2*<sup>14</sup>, o que nos permitiria ler, tal qual argumenta Berenguer, "A interpretação dos sonhos" como uma obra testemunhal, e mesmo como o testemunho inaugural da psicanálise. Também no *Seminário 16* (1968-69)<sup>15</sup> a propósito da temática da disjunção entre saber e poder. Neste seminário, imediatamente posterior ao texto da "Proposição de 9 de outubro de 1967", testemunhar adquire também o sentido de dar provas, de demonstrar algo.

Lacan faz, em seu ensino oral, um uso bastante livre, heterogêneo, do termo testemunho, tomando-o ora em seu aspecto alusivo (nem sempre o que se pretende testemunhar é o que efetivamente se testemunha), ora declarativo (recolhe aportes de seu auditório e fragmentos de sua prática enquanto demonstração do que diz e ensina), e também como um traço de estilo (um estilo testemunha), relacionando-os à experiência analítica, tal como poderemos acompanhar a seguir. Mas há um fio a "costurar" essas diferentes acepções, fio que remetemos a Freud e ao que Lacan reconhece em seu próprio ensino causado pelo real e que tenta dar conta através da posição de analisante.

Acompanhando as elaborações de Berenguer, estendemos esse fio à produção de uma enunciação-escritura-discurso, com a qual se tenta dar conta da posição de analisante na experiência analítica, um por um, tal qual fora para Freud, em que cada descoberta exigia um novo conceito. Há, entretanto, nesse fio que atravessa as várias acepções sobre o testemunho no ensino de Jacques Lacan, um paradoxo. Pois, esse tênue fio testemunha, a cada vez e de modo

inédito, os limites do saber em circunscrever o real, esse ponto de opacidade que descompleta os conjuntos pretensamente universais, apontando inconsistências que desestabilizam o estabelecido.

Vejamos então algumas passagens nas quais Lacan se serve do significante testemunho ao longo de seus seminários:

No *Seminário 3* (1955-56)<sup>16</sup> encontramos por primeira vez a acepção à testemunha como mártir do inconsciente, que retornará nos *Seminários 10* e *20*. Lacan diferencia, no *Seminário 3*, o testemunho aberto e "verdadeiro" do psicótico como mártir, testemunha do inconsciente, do testemunho neurótico encoberto, que seria preciso decifrar. Nesse momento, o testemunho encontra-se intimamente articulado, do lado do neurótico, à herança freudiana da interpretação como decifração da mensagem cifrada do inconsciente e, do lado do psicótico, ao inconsciente a céu aberto que ele testemunha.

No *Seminário 7* (1959-60), uma primeira reviravolta se anuncia. Lacan interroga o mal a partir do gozo, e não do Bem ou da Lei (simbólica), "[...] estou testemunhando perante vocês de que não há lei do bem, senão no mal e pelo mal, devo eu prestar esse testemunho?"<sup>17</sup>. Problematisa, em seguida, a questão da sublimação a partir de "Idéias sobre os romanos" do Marquês de Sade, e portanto, da obra como testemunho: "Essa obra é um testemunho?"<sup>18</sup>.

No *Seminário 10* (1962-1963), a acepção de testemunha enquanto mártir aparece referida ao gozo, dessa vez ao gozo do corpo, através de duas imagens cristãs do pintor Francisco de Zurbarán, uma de Santa Lúcia, e a outra de Santa Ágata. A primeira porta os olhos, e a segunda os seios, destacados do corpo em um prato. Lacan interroga a partir dessas imagens onde se localizaria o momento da angústia e de que ordem este seria. Para tanto, lança mão

da relação entre a testemunha como mártir e o problema do masoquismo<sup>19</sup>.

É interessante notar que fará novamente, no *Seminário 20*, referência à testemunha enquanto mártir a propósito do barroco “[...] vocês sabem que *mártir* quer dizer testemunha - de um sofrimento mais ou menos puro”<sup>20</sup>. Temos no *Seminário 20* um testemunho fecundo de uma virada em seu ensino, cujas consequências se desdobrarão ao longo dos seminários seguintes: a primazia conferida ao gozo sobre o significante. Nesse momento, Lacan fará referência ao testemunho jurídico ao interrogar a relação entre a verdade, o saber, o gozo e a lei:

[...] o que é procurado [...] no testemunho jurídico, é do que poder julgar o que é do seu gozo. O objetivo é que o gozo se confessa, e justamente, porque ele pode ser inconfessável. A verdade procurada é essa aí, no que diz respeito à lei, que regra o gozo [...] toda a verdade, é o que não se pode dizer. É o que só se pode dizer com a condição de não levá-la até o fim, de só se fazer semi-dizê-la [...] é que o gozo é um limite<sup>21</sup>.

No *Seminário 21* (1973-74), as referências ao testemunho se multiplicam, são numerosas e abundantes e giram em torno da relação entre testemunho, escritura e real: “[...] esses discursos, deles eu tentei fazer a articulação, mas a articulação escrita; não é senão nisso que alguma coisa pode aí testemunhar do real”<sup>22</sup>. No *Seminário 22* (1974-75), interessa-nos as elaborações de Lacan em torno do real como o “estritamente impensável”<sup>23</sup>. No *Seminário 23* (1975-76), ele constitui a escrita de Joyce como testemunho da sua tese da pluralização dos Nomes do pai, na medida em que Joyce demonstra, com seu *sinthoma*, um modo singular através do qual o pai poderá vir a se

constituir como quarto elemento, sem o qual não seria possível o nó entre simbólico, imaginário e real. Designa ainda, a escritura joyceana como testemunho do gozo próprio ao *sinthoma*<sup>24</sup>.

Em seus últimos seminários, e de modo literal, Lacan parece testemunhar, através de suas incursões pela topologia, a opacidade do gozo do *sinthoma*, seu indizível, os limites do simbólico em representar o real e os efeitos da inércia significante, posto que o forçamento inerente à tentativa de significantização do real nunca parece adequada<sup>25</sup>.

Esse percurso nos leva a considerar que o ensino oral de Lacan seria, ele mesmo um testemunho, não exatamente pela via grega do *martis*, mártir, ou mesmo da via latina do *superstes*, aquele que viveu "até o fundo uma experiência" e pode dar testemunho disso<sup>26</sup>, mas pela via da experiência no ponto em que ela toca os confins do saber em seu litoral com o real. Nessa perspectiva, poderíamos aproximar o testemunho de Lacan a uma terceira vertente, aquela designada por Giorgio Agamben, na esteira das elaborações de Michel Foucault, por ato de *auctor*<sup>27</sup>. Ato de autor, que assim se designa por "dar existência", ao mesmo tempo em que é ato imperfeito, posto que porta em si mesmo uma insuficiência. Talvez aquela de alguém que "[...] não escondia suas inquietações, mostrava-se sobressaltado, tomado pelo que precisava ser feito [...] vida que exibia sua falta-a-ser, deixa agora [...] uma sensação de 'até o fim'"<sup>28</sup>.

## II - Outros Escritos

Se em seu ensino oral o testemunho aparece em sua forma mais livre, e também fragmentária, nos *Outros*

*Escritos* apresenta-se frequentemente articulado a seus textos institucionais e referido à experiência do passe.

No momento atual, em que se inaugura um debate sobre o passe no âmbito das Escolas da AMP, vale relançarmos algumas questões e elaborações tecidas por Miller, em dois textos fundamentais, a propósito da formação do psicanalista a partir da extração de algumas consequências clínicas e políticas dos textos institucionais de Lacan.

Em "Introduction aux paradoxes de la passe", texto de 1977, Miller propõe, dez anos passados desde a "Proposição de 9 de outubro de 1967", avaliá-la por seus resultados. Ele parte de algumas observações: não há, naquele momento, trabalho de doutrina em torno do passe; teria havido uma seleção que parece arbitrária, o que se denuncia com um silêncio ensurdecedor<sup>29</sup>. Propõe o que chama de passe duplo, uma vez que o mesmo se constitui, por um lado, pelo momento de passe, através do qual defende a proposição de que Lacan inventou o procedimento por ter descoberto esse momento quando as análises se aproximam do final. Por outro lado, o passe constitui-se pelo próprio procedimento do passe.

Miller deduz o paradoxo sobre o passe a partir de duas perguntas, que recobram atualidade no debate que se inaugura nesse momento: 1) O que é o momento de passe?<sup>30</sup>; 2) O procedimento do passe se adéqua ou não à estrutura desse momento?<sup>31</sup>. Paradoxo: O momento de passe consagra o fim do sujeito suposto saber, já o procedimento do passe o transfere à Escola. Passe 1 e passe 2 seriam, portanto, antinômicos? Não seria paradoxal que Lacan tenha "coroadado" a experiência do final de análise com uma "prova de capacidade"?

Muito se produziu, desde 1977, em torno desse paradoxo sensível ao fator temporal. Ele não se resolve, mesmo considerando que ao final de uma análise não haja uma derrisão absoluta do sujeito suposto saber, que ele não



mais se encarne no analista, e que o trabalho psicanalisante prossiga na relação de cada um com seu inconsciente, com a causa analítica, e com a Escola.

Miller argumenta sobre a necessidade de discernir o momento de passe (passe 1), que poderá ou não coexistir com a entrada no dispositivo (passe 2). Ele conserva em relação ao segundo o caráter de uma proposição de quem queira se arriscar, ou de quem supõe "confiar na teoria do passe, nos passadores, no jurado, em Lacan, na Escola [...]".

Tal argumento não deixa de apontar um terceiro paradoxo. Sob a rubrica da confiança na Escola, se essa não advém temperada e advertida de sua própria inconsistência, poderá ser propiciado um funcionamento do dispositivo do passe sob a égide de um Outro institucional por demais consistente, mais afeito às benesses das suficiências, dos bens necessários e das beatitudes<sup>32</sup>, que ao vivo momento da passagem de analisante a analista, ao que se perfilará nessa passagem na transmissão entre os ditos do passante de sua invenção singular e precária<sup>33</sup>.

Em "*Un campo en suspenso*", aula de 4 de fevereiro de 1998, no âmbito do seu Seminário de Política Lacaniana, Miller retoma "o assunto do passe" e a metáfora das "duas caras". Ele designa a primeira cara como "acontecimento clínico", cuja referência é a "Proposição de 1967", enquanto na segunda enfatiza o aspecto de aposta institucional, que remete especialmente ao "Discurso na EFP".

Ele reafirma, nesse texto, dez anos após ter escrito "Introdução aos paradoxos do passe", o contraste e a tensão patentes entre as duas dimensões do passe. Esse estado de coisas tem por consequência – naquilo que parece constituir e atravessar o próprio tecido da vida institucional, tanto em 1967, como também, ao que tudo indica, em 1979, em 1998 e 2009 – um deslocamento de forças na instituição. Em 67

seu caráter "subversivo e escandaloso", foi, de acordo com Miller, atribuído não tanto ao passe enquanto acontecimento clínico, ou em relação às consequências da proposição no que tange a própria experiência analítica, mas, sobretudo, por ter provocado um irreversível deslocamento de poder na instituição.

### *III - Momento atual*

Tecerei algumas considerações sobre o momento atual, especialmente no que concerne ao estatuto do testemunho no ensino e transmissão da psicanálise e na *aformação* do analista, como também em relação à experiência do passe na Escola.

As questões colocadas por Miller continuam a ressoar mais de três décadas após sua formulação, sob outro pano de fundo histórico e institucional através do debate iniciado no *Journal des Journées*. Com uma sutil diferença: seu caráter subversivo e suas consequências parecem ter chance de incidir não apenas sobre os deslocamentos do poder institucional, ou de sua tendência estrutural à formação dos "sindicatos de co-proprietários"<sup>34</sup>, mas sobretudo sobre *aformação* do analista e o trabalho analisante, conjugados no singular.

Nessa perspectiva, o que poderia vir a se configurar como uma "dogmática do passe"<sup>35</sup> terá chance, via uma política da enunciação, e porque não, uma política do testemunho, de favorecer a contingência, a inconsistência, a heterogeneidade, o furo no saber, de modo que isso não recaia exclusivamente no espaço delimitado pelo dispositivo do passe, mas se faça presente naquilo que constitui, em si mesmo, a experiência de Escola.

Desse modo, o que se transmite no plano da enunciação poderá se descolar do *gradus* conferido pelo dispositivo

proposto por Lacan em 67, assim como dos equívocos que possam daí advir, tais como ser convertido, no âmbito do funcionamento institucional, em um possível coroamento da formação analítica. Formação que poderá ser suficiente, mas que ocorre a cada vez e sem fim, e cuja suficiência, paradoxalmente, "encontra-se para além de qualquer comprovação"<sup>36</sup>.

Estando advertidos de que a transferência poderá se constituir num obstáculo ao final da análise, vale interrogar a transferência como obstáculo não apenas no âmbito da análise pessoal, como também a transferência à própria Escola, em outras palavras, a passagem da consistência à inconsistência ao nível da transferência à Escola. A questão que daí se deduz é a de como manejar, e mesmo favorecer, essa inconsistência no âmbito dos dispositivos institucionais para que a Escola enquanto instituição não se torne, ela mesma, um obstáculo à experiência de Escola.

Tendo em conta que um dos fundamentos do testemunho é que o saber se acumula no lugar do analisante<sup>37</sup> e que o trabalho analisante se renova e se atualiza para além dos dispositivos de verificação, tomar o testemunho como um dos pilares da formação do analista implicaria, portanto, considerá-lo como um princípio tanto nas análises em curso, nas supervisões, como também no que se transmite e se inscreve cotidianamente na vida institucional. Cabe ressaltar que o plano da enunciação e o testemunho são aqui tomados como modos de se haver com o furo no saber e com o real em jogo na experiência analítica e de Escola. Isso se presentifica nas entrelinhas de cada texto, naquilo que se diz, no laço com o semelhante, com a instituição, nos traços de estilo, enfim, no haver-se com o incurável, e na medida do possível, saber fazer ali, a cada vez..., o que não se restringe ao relato dos pontos cruciais da própria

análise no âmbito do dispositivo do passe, seja ele na entrada, ou ao final da experiência.

Naquilo que concerne, ainda, à experiência do passe, as reflexões e contribuições que tem se seguido às últimas Jornadas da ECF se mostram propícias a trazer novos ares à experiência, uma vez que incidem e intervêm em uma gama de fantasias em jogo na formação do analista, o que pode ter corroborado e favorecido nos últimos anos uma espécie de idealização, e mesmo, ritualização do próprio testemunho.

Sobre o funcionamento do dispositivo, vale extrair consequências do que Mauricio Tarrab afirma<sup>38</sup>. A experiência analítica nos atravessa. Atravessa nossas vidas. Os que correm o risco de entrar no dispositivo do passe endereçam a Escola aquilo que consideram fundamental no curso de suas análises, até o final. Nesse sentido, a Escola e seus dispositivos, se constituem enquanto parceiros. Parceiros libidinais. Parceiros-sintoma. Como fazer disso um bom uso? Um uso afeito ao desejo e ao vivo da experiência de Escola?

Tarrab ressalta o quanto aqueles que correm esse risco, sendo nomeados ou não, têm a contribuir na construção dessa experiência. Tomo isso como uma orientação a qual é preciso fazer valer, sob o risco de que o passe se transforme em mais um instrumento de avaliação dentre os tantos que se proliferam na contemporaneidade. Nenhum lugar para a surpresa. Apenas o nefasto das consequências mortificantes.

Quanto a esse ponto, o que se transmite para a comunidade analítica através dos relatórios dos cartéis do passe, também nos casos em que não houve nomeação, e o que se transmite ao passante através do juízo do cartel, tem um papel crucial. É possível problematizar e localizar, tal qual testemunham alguns colegas através de suas contribuições ao *Journal des Journées* – justo a partir de

suas consequências – as diferenças entre um juízo standard e um juízo singular.

Um juízo singular poderá favorecer ao passante se localizar em relação ao que não foi possível transmitir, e mesmo em relação a algum aspecto em jogo em relação a sua não nomeação. O juízo standard, por outro lado, poderá favorecer a que a Escola se reconstitua enquanto um Outro demasiado consistente, ou então como um lugar desértico, *locus* de um silencio estagnante, excludente e inibidor, ou ainda, como alvo de descrédito. Qualquer uma dessas consequências poderá precipitar que, ao invés da construção de uma porta de saída do dispositivo, o passante ejete-se não somente do dispositivo, mas, quando não da Escola, da experiência de Escola.

Se considerarmos o testemunho dos passantes nomeados AEs como aquilo que constitui, em si mesmo, uma porta de saída do dispositivo do passe, caberia também interrogar, e mesmo formalizar quanto às possíveis saídas do dispositivo quando não há nomeação. As não nomeações poderão permanecer envoltas numa aura de silêncio inibidor e estagnante ou poderão se converter em fonte de trabalho e transmissão, seja através de um juízo singular endereçado pelo cartel ao passante não nomeado, seja através dos relatórios dos cartéis do passe endereçados a comunidade analítica. Os recentes testemunhos endereçados ao *Journal des Journées*, especialmente os que sucedem o nº 56, lançam algumas luzes sobre esse aspecto ainda pouco elucidado da experiência do passe.

---

<sup>1</sup> Miller, J.A. (1999). *El establecimiento de El Seminario de Jacques Lacan*. Buenos Aires: Editorial Tres Haches, p. 21.

<sup>2</sup> Lacan, J. (2003[1967]). "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola". In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 248-264 e Lacan, J. (2003[1967]). "Discurso da Escola Freudiana de Paris". In *Outros escritos*. *Op. cit.*, p.265-287.

---

<sup>3</sup> Idem. (2003[1976]). "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11". In *Outros escritos. Op. cit.*, p. 569.

<sup>4</sup> Motta, L.T. (2004). *Literatura e contracomunicação*. São Paulo: Unimarco Editora, p.41.

<sup>5</sup> Felman. S. "Educação e crise, ou as vicissitudes do ensinar". In: *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta Editora, p.17.

<sup>6</sup> Para Aníbal Leserre, em *La elaboración del testimonio*, não poderíamos afirmar que Lacan considere o testemunho como conceito, e sim como uma noção. Leserre, A. (2000). "La elaboración del testimonio". In: *Serie de los AE: documentos del dispositivo del pase en la EOL*. Buenos Aires: EOL Ediciones.

<sup>7</sup> Berenguer, E. (2009). "Testemunho: ensino irônico". In: *Opção Lacaniana - Revista Internacional de Psicanálise* (54). São Paulo: Edições Eolia, p.73.

<sup>8</sup> Observa-se a presença do termo em diferentes acepções durante todo o ensino oral de Lacan, e mais enfaticamente, a partir de Lacan, J. (1985[1972-73]). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., momento em que privilegia o laço entre testemunho, escritura e real.

<sup>9</sup> Idem. (2003[1967]). "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola". *Op. cit.*, p. 249,260-261; Lacan, J. (2003[1967]). "Discurso da Escola Freudiana de Paris". *Op. cit.*, p. 267; Lacan, J. (2003[1973]). In: *Outros Escritos. Op. cit.*, p.311-315; Lacan, J. (2003[1976]). "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11". *Op. cit.*, p. 569 e Lacan, J. (2003[1975]). "Joyce, o Sintoma". In: *Outros escritos. Op. cit.*, p. 566.

<sup>10</sup> Idem. (1998[1953]). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.253.

<sup>11</sup> Berenguer, E. (2009). "Testemunho: ensino irônico". *Op. cit.*, p. 70.

<sup>12</sup> Miller, J.A. (1999). *El establecimiento de El Seminario de Jacques Lacan. Op. cit.*, p. 21.

<sup>13</sup> Idem. (2009[2006-07]). *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 9-10.

<sup>14</sup> Lacan, J. (1985[1954-55]). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.187-217.

<sup>15</sup> Lacan, J. (2008[1968-69]). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.288. Sobre a referência à obra de Freud como um testemunho, vale consultar Felman. S. "Educação e crise, ou as vicissitudes do ensinar". *Op. cit.*, p. 13-71.

<sup>16</sup> Idem. (1981[1955-56]). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 49-54.

<sup>17</sup> Idem. (1988[1959-60]). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 232.

<sup>18</sup> Idem. *Ibidem*, p.243.

<sup>19</sup> Idem. (2005[1962-63]). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.175-187. A problemática do masoquismo, e suas relações com o sadismo, tal qual abordada nos capítulos XI e XII desse Seminário, remetem à abordagem do mesmo problema em seu escrito "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola". *Op. cit.*

<sup>20</sup> Idem. (1985[1972-73]). *O Seminário, livro 20: mais, ainda. Op. cit.*, p. 154-159. Caberá investigar o quê dessa virada incidirá sobre o próprio estatuto do testemunho.

<sup>21</sup> Idem. *Ibidem*, p.124-125.

<sup>22</sup> Idem. [1973-74]. "Les non dupes errent". Aula de 21 de maio de 1974.(Inédito).

<sup>23</sup> Idem. [1974-75]. "RSI". Aula de 10 de dezembro de 1974. (Inédito).

- 
- <sup>24</sup> Idem. (2005[1975-76]). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 162-163 e Idem. (2003[1975]). "Joyce, o Sintoma". *Op. cit.*, p. 566.
- <sup>25</sup> Miller, J.-A. (2004[1998]). "Lo real y el semblante". In: *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, p.29-31.
- <sup>26</sup> Agamben, G. (2008). *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, p. 27, 35 e 150.
- <sup>27</sup> Idem. *Ibidem*, p. 150.
- <sup>28</sup> Miller, J. (1993) "Apresentação". In: *Lacan, você conhece?* São Paulo: Cultura, p.11.
- <sup>29</sup> Miller, J.-A. (1977). "Introduction aux paradoxes de la passe". In: *Ornicar? - Revue du Champ Freudien* (12-13). Paris: Champ Freudien.
- <sup>30</sup> Questão à qual remete, ao longo do texto, a passagem de analisante a analista e a teoria do ato.
- <sup>31</sup> Questões que remete ao modelo do chiste. Lacan, J. (2003[1967]). "Discurso na Escola Freudiana de Paris". In: *Outros Escritos*. *Op. cit.*, p. 269.
- <sup>32</sup> Idem. (1998[1956]). "Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956". In: *Escritos*. *Op. cit.*, p.478-490.
- <sup>33</sup> Miller, J.-A. (2009[2006-07]). *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma*. *Op. cit.*, p. 78. "O que é precário? [...] precária, é a transição ao Outro".
- <sup>34</sup> Idem. (dezembro de 2009). Resposta de Jacques Alain Miller a Flory Kruger. *Selección mensual del Journal des Journées*, (1).
- <sup>35</sup> Tarrab, M. (2010, janeiro). *Journal des Journées*, (85). Recuperado em 03 de fevereiro de 2010 em: <http://ampblog2006.blogspot.com/2010/01/amp-uqbar-journal-des-journees-n-85.html>
- <sup>36</sup> Lacan, J. (1998[1956]). "Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956". *Op. cit.*, p. 478.
- <sup>37</sup> Miller, J.-A. (2009[2008]). "O Passe e as Escolas". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (55). *Op. cit.*, p. 8.
- <sup>38</sup> Tarrab, M. (2010, janeiro). *Op. cit.*